

Velhice e sexualidade: um estudo sobre a série “Grace and Frankie”¹¹²

Vanessa Santos de Freitas¹¹³
Profa. Dra. Fabíola Calazans¹¹⁴
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo: Investigam-se os sentidos da sexualidade associados ao corpo da mulher velha na série “Grace and Frankie”. Analisa-se como a temática da sexualidade é apresentada e de que forma a relação da mulher velha com o corpo é ressignificada nessa série. A partir das análises de Conteúdo (Bauer, 2002) e do Discurso (Foucault, 2009), observou-se uma tentativa de ressignificar a sexualidade na velhice. Contudo, há ainda permanências de sentidos negativos associados ao corpo e à sexualidade da mulher velha.

Palavras-chave: Sexualidade. Velhice. Grace and Frankie.

Introdução

Na sociedade contemporânea, temos o engendramento de novas formas de subjetividades, novas formas de ser e estar no mundo. Seguindo as características da atualidade, com seus avanços tecnológicos, pela midiatização e pelo incentivo à produtividade, há a ascensão de uma personalidade alterdirigida, voltada para o olhar alheio. O eu passa a ser mais visível e epidérmico, sendo esse voltado para a exterior e que almeja a visibilidade (Sibilia, 2008). A lógica de exposição de si gera um ímpeto pela exposição e pelo consumo da intimidade, em um mundo no qual o relevante é aparecer e ser visto. Nesse movimento de visibilidade constante, a aparência apresenta um papel fundamental, pois é a partir dela que somos observados e visíveis, uma vez que “hoje somos o que aparentamos ser” (Costa, 2004, p. 198).

Como é por meio da aparência que somos percebidos e também legitimados, o corpo exerce o papel de protagonista nas subjetividades contemporâneas. O corpo é o objeto das práticas ascéticas atuais, visando o seu constante aperfeiçoamento e sendo digno de diversos cuidados que interferem em atividades físicas, na alimentação e em uma série de produtos que prometem a sua “melhoria”. Nesse contexto, há a ascensão de uma cultura somática (Costa, 2004) na qual o corpo é o determinante para o julgamento e a valorização social dos indivíduos. Vale ressaltar que não é

¹¹² Trabalho apresentado ao II SEJA – Gênero e Sexualidade no Audiovisual realizado de 22 a 24 de novembro de 2017, na UEG Goiânia Campus Laranjeiras.

¹¹³ Graduanda em Comunicação Social na Universidade de Brasília, email: vanessantosf@gmail.com

¹¹⁴ Professora e pesquisadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, email: fabiola.calazans@gmail.com



qualquer forma corpórea considerada digna para essa valorização social. O corpo valorizado e cultuado é o corpo magro, torneado, saudável, e, acima de tudo, jovem. A busca por esse modelo de corpo considerado “ideal” cria um incessante processo de insatisfação, sendo assim, Costa (2004, p. 200), aponta que “o mal do século é o mal do corpo”.

Diante desse cenário, surge a inquietação de saber como a velhice é percebida na contemporaneidade, ainda mais quando o envelhecimento da populacional é um fato eminente. Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) demonstra que a população mundial vai crescer 32% até 2050 e 53% até 2100, chegando aos 11,2 bilhões de pessoas. Consequentemente, a população idosa, com sessenta anos ou mais, irá duplicar até 2050 e triplicar até 2100 (O Globo, 2015). Além disso, dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) apontam que a população das Américas atingiu setenta e cinco anos, mais de quatro anos acima da expectativa de vida mundial (ONUBR, 2017).

Apesar dos dados expressivo sem relação ao envelhecimento populacional, a temática da velhice ainda é pouco abordada. Nas palavras da pesquisadora Paula Sibilia (2011, p. 83), “quando fiz 50 anos parece que me tornei invisível”. Esse depoimento de uma professora trata de uma questão recorrente, principalmente para as mulheres idosas, o sentimento de invisibilidade. Essa invisibilidade perpassa os meios de comunicação, nos quais a velhice é pouco retratada nas novelas, em publicidades, em filmes e em séries.

Na cultura na qual a juventude é marcante para a constituição das subjetividades, as dimensões de velhice são constantemente associadas ao corpo jovem, que é mais notadamente visto, admirado e enaltecido em detrimento do corpo velho. Não raro, ser velho hoje é, muitas vezes, aparentar ser invisível. Conforme Sibilia (2011, p. 89) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha, então, pior ainda!”. A invisibilidade social percebida pelas mulheres é observada pela antropóloga Mirian Goldenberg (2013, p. 91), segundo a qual “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino”. A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, na medida em que o afastamento desses capitais característicos da juventude e acaba favorecendo o sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas.

A partir dessa relação apresentada entre juventude e a velhice, o problema desta pesquisa é o seguinte: quais os sentidos da sexualidade associados ao corpo da mulher velha na da série “Grace and Frankie”. O objetivo desta pesquisa é analisar como a temática



sexualidade é apresentada na série e de que forma a relação da mulher velha com o corpo é ressignificada no decorrer das narrativas seriadas.

A série “Grace and Frankie” é uma produção exclusiva da Netflix lançada em 2015 e criada por Howard J. Morris e por Marta Kauffman, conhecida pela produção e pelo roteiro da série “Friends”. A Netflix lançou a quarta temporada do seriado no início de 2018 e teve sua quinta temporada confirmada em fevereiro (Variety, 2018). O elenco da série é composto por protagonistas com mais de setenta anos, entre eles Jane Fonda (79 anos), Lily Tomlin (78 anos), Martin Sheen (77 anos) e Sam Waterston (76 anos), algo nem um pouco comum nas produções audiovisuais contemporâneas.

Para a investigação da sexualidade das mulheres velhas na série da Netflix, recorreu-se a um quadro teórico diverso e transdisciplinar. Nessa pesquisa, foram identificadas obras sobre gênero (Beauvoir, 1970), beleza (Woolf, 1992), idade, corpo e subjetividade (Debert, 1999; Goldenberg, 2013; Sibilia, 2011; Castro, 2015; Ehrenberg, 2010; Santos, 2003).

O corpus analítico é composto pelos episódios “O Golpe”, “A Galinha” e “A Exceção”, pois neles é mais representativa a noção de sexualidade para as personagens Grace e Frankie. Para a análise desses episódios, primeiro foi empregada a metodologia da Análise de Conteúdo (Bauer, 2002), a partir da qual foi possível sistematizar as frequências e ausências de sentido construindo um mapa acerca do corpus analisado. A partir desse mapa, analisa-se a materialidade discursiva sob a ótica da Análise do Discurso de Michel Foucault (2009), segundo o qual o discurso é estruturado por meio dos princípios de ordenamento, exclusão e rarefação do discurso. A análise empreendida foi inspirada na Análise do Discurso de linha francesa, especificamente aquela que não privilegia uma análise estruturalista, mas a investigação sobre as construções ideológicas presentes na linguagem que forma o discurso, observando o dito e o não dito. A partir dessa metodologia foi possível a observação detalhada de elementos da narrativa presentes na série “Grace and Frankie”, tanto para a narrativa explícita do roteiro quanto para uma análise implícita das relações de poder do discurso inserido na série, a fim analisar quais os sentidos atrelados à sexualidade das mulheres velhas propagados na série.

Velhice: sentidos e valores

O desejo da eterna juventude presente desde a Antiguidade egípcia se fortalece na contemporaneidade. Diversos estudos científicos buscam formas de alcançar esse objetivo.



Segundo Sibilia (2011, p. 86), “as novas ciências da vida sonham com a possibilidade de ‘reprogramar’ esses corpos para torná-los imunes às doenças, driblando as penúrias da velhice e a fatalidade da morte”. A juventude na contemporaneidade exerce um papel central na mídia, ela está presente nos diversos produtos midiáticos que enaltecem seus atributos. Esses atributos são incorporados por indivíduos de todas as idades no intuito de perpetuarem a juventude. Embora a eterna juventude ainda não seja possível, o imperativo sobre o corpo é o de permanecer sempre jovem. Segundo Debert (1999, p. 21), a juventude passou por um processo de ressignificação em que “perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio de vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade”. Sibilia (2011, p. 105) concorda com a visão da juventude como um valor quando observa o movimento entre as décadas de 60 e 70 que a juventude “se impôs como um valor indiscutível e universal e a aparência *teen* se converteu em sinônimo exclusivo da ‘boa forma’”. Na atualidade contemporânea na qual a aparência e a visibilidade são enaltecidas, o olhar do outro é fundamental para a legitimação do eu, Sibilia (2011, p. 107) afirma que “o direito de ‘ser alguém’ ou ‘ser eu’ é um privilégio só concedido aos jovens”.

Na cultura em que a juventude é fundamental para a constituição das subjetividades, qual o papel atribuído à velhice na contemporaneidade? Ser velho hoje é, muitas vezes, como ser invisível. Essa invisibilidade é pior para as mulheres e, conforme cita Sibilia (2011, p. 89) “não é fácil ser velho no mundo contemporâneo, ser velha, então, pior ainda! ”. A invisibilidade social percebida pelas mulheres é observada também pela antropóloga Mirian Goldenberg (2013, p. 91), segundo a qual “muitas mulheres se queixam por se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino”. A velhice é vista como um período de perdas do capital erótico e corporal, na medida em que o afastamento desses capitais característicos da juventude, acabam favorecendo o sentimento de invisibilidade pelas mulheres velhas.

A velhice na contemporaneidade é algo digno de ser escondido, mascarado, camuflado, a qualquer custo (Castro, 2016). As visões negativas sobre a velhice percebidas durante a genealogia, como sinônimo de decadência física, moribundo, se perpetuam na contemporaneidade. Segundo Castro (2016, p. 86): “para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis relacionadas com a deterioração de sua condição física e/ou mental na senescência”. Em uma sociedade na qual o culto ao corpo é predominante, a decadência



física é objeto de desgosto. Além disso, o imperativo contemporâneo é voltado para a visibilidade, estimulando que os corpos considerados “ideais” sejam exibidos. Nesse contexto, o corpo velho, por não corresponder aos “padrões” recomendados, é algo que deve ser combatido, que não deveria ser exibido, conforme aponta Sibilia (2011):

Em meio a uma crescente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como algo obscuro e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora de cena, sem ambicionar a tão cotada visibilidade. Um estado corporal que deveria ser combatido – ou, quanto menos, sagazmente dissimulado – por ser moralmente suspeito, e, portanto, humilhante. Algo indecente que não deveria ser exibido (Sibilia, 2011, p. 94, grifos nossos).

A realidade dos velhos na contemporaneidade está repleta desses significados negativos atribuídos à essa etapa da vida. Conforme aponta Goldenberg (2013), esses sentidos da velhice estão presentes no próprio discurso do idoso, os quais apontam como características da velhice “a decadência do corpo, gordura, flacidez, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria” (Goldenberg, 2013, p. 44). Esses sentidos negativos atrelados à velhice e à constante desvalorização do velho estão relacionados ao idadismo, sendo esse “uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade” (Castro, 2015, p. 108). Amparada na visão da juventude como um valor, essa forma de preconceito é disseminada na sociedade contemporânea de modo que a velhice é vista com repúdio.

A repulsa em relação à velhice leva a rejeição do termo “velho”, que é considerado uma espécie de ofensa, insulto (Sibilia, 2015). Diversos são os termos utilizados para substituir a palavra “velhice”, como “terceira idade”, “melhor idade”, “idosos”, “maturidade”, geralmente utilizados com o intuito de positivar a velhice, porém, não passam de eufemismos. A partir da visão negativa da velhice, muitos indivíduos não se reconhecem nessa etapa da vida, tentando se afastar dos sentidos decadentes associados à idade longínqua. Beauvoir (1970) aponta que os velhos são sempre os outros, o que demonstra essa dificuldade de aceitar a velhice. Essa questão também é abordada por Goldenberg (2011, p. 9), a qual afirma que o sujeito velho não se percebe, não se vê como alguém velho, mas “vê a si mesmo como sempre se viu ao longo da vida. Isso faz com que, para cada indivíduo, o velho seja sempre o outro ou um outro. O velho não vê em si mesmo aquelas características que usualmente são atribuídas às pessoas velhas”. A segmentação da velhice em etapas também pode ser observada como um reflexo de afastamento dos significados negativos da velhice. Essas etapas designam “a juventude da velhice” como



“meia-idade”, a “idade da loba”, “terceira idade”, “aposentadoria-ativa” (Debert, 1999). Aos termos descritos por Debert (1999), adicionam-se ainda outros em voga na contemporaneidade, como “envelhecimento saudável” (OMS, 2015) e “envelhecimento ativo”.

Além dos significados da juventude, na velhice também é importante parecer jovem. Na cultura somática contemporânea caracterizada pelo culto ao corpo, sendo esse espetacularizado e que deve seguir as normas da “boa forma”, o corpo velho é desvalorizado em relação ao corpo jovem (Sibilia, 2011). Além de desvalorizado, Sibilia (2011, p. 83) aponta que o corpo velho é visto como um “estado corporal vergonhoso”. O corpo é um elemento principal na formação das subjetividades contemporâneas, um elemento relevante durante todas as etapas da vida. A aparência do corpo exerce fatores para o julgamento moral dos indivíduos e, nesse processo, os velhos, figuras que desviam do ideal do “corpo perfeito”, acabam sendo marginalizados, perdendo seu valor social. Sobre esse processo de valorização, Castro (2016) aponta que os velhos chegam a ser vistos como indivíduos ausentes de atributos de qualidade:

Quando a imagem do corpo é tomada como capital a ser investido na busca incessante do êxito social, os sinais de velhice são interpretados como sinais de deterioração do patrimônio individual. Ao se envelhecer, é como se fosse ultrapassado o prazo aceitável de validade e, assim, a experiência vivida estaria desatualizada, obsoleta, incompatível. O corpo envelhecido passa a apontar uma pessoa esvaziada de atributos de qualidade (Castro, 2016, p. 88).

O relevante na contemporaneidade está em não parecer “tão velho assim”, a constatação de Sibilia (2008, p. 84) “agora, o importante é parecer” é alterado, na velhice, o que vale é aparentar ser jovem. A figura de um corpo “bem conservado” está ligada à escolha das atrizes principais para a série “Grace and Frankie”, as atrizes Jane Fonda, de setenta e nove anos, e a Lily Tomlin, de setenta e oito anos, são símbolos de uma velhice “bem conservada”, ambas não aparentam a idade que tem. Além disso, as personagens interpretadas pelas atrizes afastam-se constantemente da visão naturalizada de “decrepitude” da velhice.

Análise do *corpus*: episódios da série “Grace and Frankie”

O episódio “O Golpe” começa com Frankie e Grace voltando do memorial de Babe, uma antiga amiga das duas personagens que resolveu optar pela eutanásia, pois não queria mais combater o câncer e queria manter a imagem de uma pessoa alegre, divertida e saudável. A morte de Babe acaba estimulando a reflexão de ambas as personagens sobre a vida, como Frankie afirma em uma cena “a morte tem o hábito de fazer isso com as pessoas. Ao chegarem na casa de praia, Grace e Frankie avistam dois presentes deixados por Babe. O



presente de Frankie são pincéis, supostamente utilizados por Picasso e um convite para a exposição de arte da própria Frankie em uma galeria que Babe reservou. A personagem fica muito animada em ter sua própria exposição e desafiada a produzir todas as pinturas necessárias. O presente de Grace é um vibrador, objeto com o qual a personagem não apresenta familiaridade. O presente de Grace acompanha um cartão com a seguinte mensagem de Babe “Querida Grace, isto é melhor do que beber e não deixará seu rosto inchado. E não partirá seu coração. Com amor, Babe.”. Em um curto bilhete, Babe consegue citar elementos da subjetividade de Grace interessantes como o abuso do álcool e o culto à aparência.

Na manhã seguinte ao receberem os presentes, Grace aparece na cozinha em busca de sua bolsa térmica para colocá-la em seu punho. Frankie questiona Grace sobre o que aconteceu para ela estar com dor, sua amiga afirma que sua artrite “aparecera”, Frankie não fica contente com as respostas de Grace e sente que ela está escondendo algo. Na figura 1, podemos observar o momento em que Frankie descobre que a dor surgira devido à utilização do vibrador.

Figura 1: Grace e a masturbação



Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O golpe, 2016).



A segunda temporada da série aborda temas considerados “tabus”, como a sexualidade e a masturbação na velhice. Esses temas são ressignificados na série. Durante a segunda temporada, Frankie se envolve com Jacob, ou “o cara do inhame” como a personagem o chama. O processo de admitir que estava apaixonada foi complexo, pois a personagem demonstrou muito medo de se envolver afetivamente e também sexualmente após a separação de Sol. Apesar de a personagem se mostrar mais aberta para falar sobre ressecamento vaginal, vibradores e orgasmos, Frankie apresenta dificuldade com o assunto sexo, e em determinada cena, após declarar seus sentimentos por Jacob, pede que ele “conter seu desejo” referindo-se que não estava pronta para relações sexuais. A relação de Grace na segunda temporada é evidenciada pela chance de reviver um amor antigo com Phil.

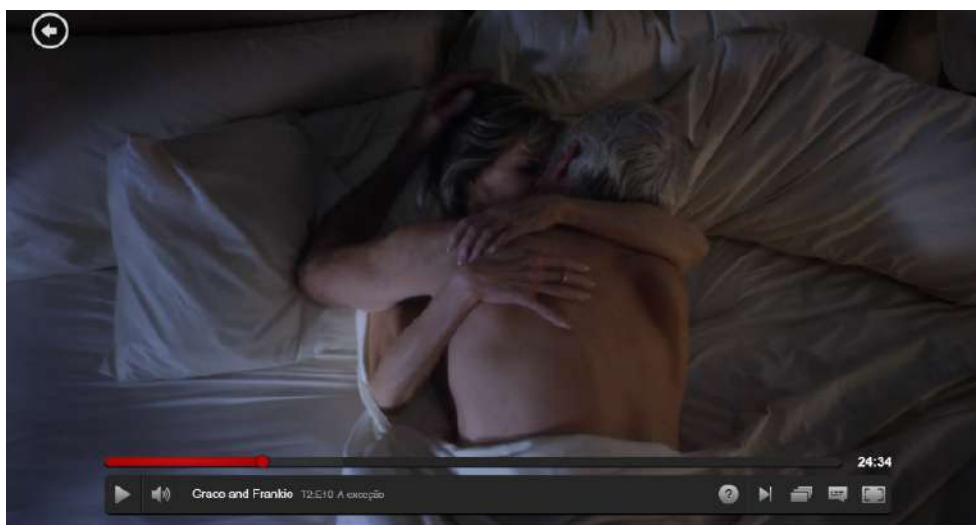
Na figura 2 é demonstrada a cena de sexo entre Grace e Phil, na qual mostra o torso de ambos os personagens nus enquanto se beijam, em momentos em que aparecem os movimentos nos lençóis, esses aparecem desfocados, deixando a relação sexual implícita. A cena dura cerca de trinta segundos e é a cena de sexo mais explícita da série com personagens velhos. Segundo a pesquisadora Sueli Santos (2003), a velhice proporciona outra forma de viver as relações amorosas:

Resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas (Santos, 2003, p. 59).

No trecho acima é abordada a questão da valorização de outras formas de amar na velhice, as quais incluem o reforço de outros estímulos além do sexo, como o toque e o olhar. Na série essa visão é presente principalmente no relacionamento entre Frankie e Jacob. O relacionamento desses personagens é demarcado pela insegurança de Frankie de se entregar emocionalmente após a desilusão amorosa com seu ex-marido Sol, por isso, o relacionamento com Jacob não é baseado no ato sexual, mas na atitude de cumplicidade entre os dois personagens, sendo o casal um exemplo dessa “reinvenção” de formas amorosas conforme apontado por Santos (2003).



Figura 2: Grace e a sexualidade



Fonte: Episódio “A Exceção” da série “Grace and Frankie” (A exceção, 2016).

No episódio “O golpe”, há uma reunião das famílias de Grace e Frankie que acaba sendo repleta de conflitos das personagens com seus filhos. Indignadas com a postura de seus filhos de desconsideração em relação às mães, Grace e Frankie acabam exprimindo nessa reunião o que estavam aguentando. Na figura 3, as duas personagens resolvem apresentar a sua nova ideia de negócio, criar uma empresa de vibradores específica para mulheres velhas.

Figura 3: O desabafo de Grace e Frankie





Fonte: Episódio “O Golpe” da série “Grace and Frankie” (O golpe, 2016).

Na figura 3, é interessante observar a reação da família de Grace e de Frankie quando o assunto é masturbação, algo que assim como o corpo velho, “deve” ser camuflado ou escondido. Apesar das reações de interdição de suas famílias, Grace e Frankie continuam firmes na fala, como mostrado no diálogo abaixo:

Brianna: Está bem. Eu duvido que exista um mercado para vibradores para idosas com artrite.

Grace: Existe. Estou agonizando.

Frankie: Demora muito mais para nós gozarmos, Sol.

Grace: O sangue não circula tão fácil e o tecido genital... é mais delicado. Quanto maior o esforço para o orgasmo, mais você o irrita e mais inflama a sua artrite. As mulheres mais velhas não deveriam merecer coisa melhor?

Mallory: Sério! Como vou explicar para meus filhos que a avó deles faz brinquedos eróticos para outras avós?

Grace: Eu lhe direi o que dizer para eles. Fazemos coisas para pessoas como nós porque estamos cansadas de sermos rejeitadas por pessoas como vocês.

Frankie: Fechou com chave de ouro. Vamos para casa (O golpe, 2016)



No diálogo acima, vemos que as duas personagens concluindo o seu desabafo para a família, em uma forma de expressar toda a rejeição sentida por elas desde os divórcios. Podemos observar que Grace se coloca como uma mulher velha, sem utilizar o termo “alguém” como fizera antes, mas o pronome “nós” que demonstra o orgulho e a legitimação de que ela não precisa mais negar a velhice, e sim ter orgulho dessa etapa da sua vida. Ao afirmarem o seu direito à sexualidade e à velhice, Grace e Frankie exprimem a sua liberdade de poderem falar o que quiserem, sem a preocupação do julgamento alheio. O orgulho das duas personagens é mais visível quando ambas estão saindo da casa, após terem chocado todos os membros da família. A câmera filma em *slowmotion* a saída de Grace e Frankie e a trilha sonora é um *rap*, o que enfatiza a coragem das duas personagens enquanto se olham e sorriem uma para outra. Após a cena da saída “triunfal” das personagens, há uma cena que demonstra todos os membros da família olhando para a porta da casa ainda incrédulos com o que ouviram.

A reação da família de Grace e Frankie demonstra a inabilidade da família em lidar com o fato de que as mães são mulheres sexualmente ativas que não dependem de um parceiro para satisfazer seus desejos, além disso, são mulheres que querem proporcionar essa liberdade sexual também para outras mulheres velhas, por meio do vibrador pensado especialmente para elas.

Considerações finais

Na série “Grace and Frankie” podemos observar a propagação de novos sentidos relacionados à velhice. Grace, uma das personagens principais, é o indivíduo que incorpora os sentidos da “bela velhice” (Goldenberg, 2013) e do “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), está em constante cuidado em relação a sua aparência, faz dietas alimentares, segue a lógica da prevenção do discurso de risco e está à procura de uma atividade produtiva que conceda utilidade a sua velhice. A outra personagem principal, Frankie aparenta não ter os mesmos cuidados de sua amiga Grace, mas também exibe um corpo magro, apresenta poucas rugas, utiliza frequentemente maquiagem, enaltece uma vida sexual ativa. Ambas as personagens gostam de reforçar o quanto são “joviais” por saberem lidar com a tecnologia, Grace aparece frequentemente com seu smartphone, enquanto Frankie exibe sua conta no Twitter e se orgulha em dizer que escuta o cantor de rap Drake. A ênfase na temática da sexualidade em



toda a série também pode ser observada como uma associação com características joviais, pois como uma personagem da série apresenta no episódio “O Alarme de Pânico”: “o sexo é jovem”, sendo interessante a associação da velhice com essa temática para valorização social dela.

A forma de velhice feminina apresentada na série segue os parâmetros apontados por Ortega (2008, p.36) da velhice contemporânea “os idosos da atualidade são apresentados como saudáveis, joviais, engajados, produtivos, autoconfiantes e sexualmente ativos”. As duas personagens em algum momento da série cumprem todos esses requisitos citados por Ortega (2008).

A partir da análise da série “Grace and Frankie” verificou-se a disseminação de um modelo de envelhecimento semelhante aos conceitos de “envelhecimento saudável” (OMS, 2015), “bela velhice” (Goldenberg, 2013) e “envelhecimento turbinado” (Castro, 2016), sendo conceituado como envelhecimento performático. O envelhecimento performático constitui-se em uma forma de envelhecer focada na performance corporal nos mais diversos âmbitos, como no trabalho, na sexualidade, na alimentação, no cuidado estético, na relação com a saúde, na jovialidade e principalmente na autonomia. Sendo necessária uma performance que está em constante aprimoramento visando tornar-se ótima.

A forma de envelhecimento propagada na série não deixa de ser um modelo idealizado de velhice, pois difunde um envelhecimento considerado “bem-sucedido” que não é possível de ser alcançado por todos os indivíduos. As condições socioeconômicas das duas personagens devem ser levadas em questão, Grace e Frankie são brancas, possuem dois ex-maridos donos de um escritório de advocacia, Grace antes de se aposentar criou sua própria empresa de cosméticos e Frankie é uma artista que dá aula de artes para ex-criminosos reabilitados. Esses fatos junto às características de consumo encontrados na série nos levam a compreender que ambas são de famílias de classe média alta. Após a separação, as duas amigas vão morar em uma grande casa de praia no litoral da Califórnia, pertencente às duas famílias e possuem todas as condições para se manterem autônomas. Essas características contribuem para a constatação do envelhecimento performático, como um ideal projetado que, segundo Jane Fonda, acaba aliviando o medo das espectadoras da série de envelhecer, na esperança de que terão uma velhice semelhante à de Grace e Frankie (Tec, 2015). Assim como para os jovens há a disseminação para uma performance corporal ótima (Calazans,



2013), o modelo de envelhecimento performático ótimo também está sendo disseminado, como uma forma da velhice aceita na sociedade contemporânea, sendo essa uma velhice mais aproximada da juventude quanto possível.

Ainda que a série busque ressignificar a sexualidade da mulher velha, aproximando-a dos sentidos positivos próximos à noção de juventude, notou-se ainda uma permanência significativa de sentidos negativos associados ao corpo e ao sexo na velhice. Assim, um dos principais resultados dessa pesquisa verificou uma associação negativa aos sentidos da velhice, bem como da sexualidade da mulher velha que estão relacionados ao conceito de idadismo, sendo esse “uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade” (Castro, 2015, p. 108). Amparada na visão da juventude como um valor (Debert, 1999), essa forma de preconceito é disseminada na sociedade contemporânea e a velhice é vista com repúdio.

Referências Bibliográficas

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Edts.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CALAZANS, Fabíola. *Seja ótima, seja feliz: discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT*. Brasília: Tese (Doutorado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

CASTRO, G. S. O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia* (São Paulo, Online), n. 31, p. 79-91, abr. 2016.

CASTRO, Gisela G.S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. *Comunicação & Educação*, [s.l.], v. 20, n. 2, p.101-114, 1 out. 2015. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. 2015.

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 242 p.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.



_____. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

O GLOBO. *População mundial vai crescer 53% e chegar a 11,2 bilhões em 2100, diz relatório da ONU*. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/populacao-mundial-vai-crescer-53-chegar-112-bilhoes-em-2100-diz-relatorio-da-onu-17003177>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

OMS, *Relatório mundial de envelhecimento e saúde*. 2015. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ONUBR. *Expectativa de vida chega a 75 anos nas Américas, revela agência de saúde da ONU*. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/expectativa-de-vida-chega-a-75-anos-nas-americas-revela-agencia-saude-onu/>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*, Rio de Janeiro, Garamond, 2008, p. 256.

SANTOS, S. S. *Sexualidade e amor na velhice*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SIBILIA, Paula. "O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice." *Comunicação Mídia e Consumo*. 9, n. 26, p. 83-114. 2013.

_____. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83-108.

_____. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

TEC. *Entrevista Jane Fonda - Grace & Frankie (serie Netflix)*. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PoZVVou47kE>>. Acesso em: 05 out. 2017.

VARIETY. *'Grace and Frankie' Renewed for Season 5, Books RuPaul as a Guest Star*. 2018. Disponível em: <<http://variety.com/2018/tv/news/grace-and-frankie-rupaul-netflix-season-5-renewal-1202698955/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.